



INFLUÊNCIAS DA LITERATURA APÓCRIFA NA ESCATOLOGIA CRISTÃ¹

Influences of apocryphal literature on Christian eschatology

Marcos Felix de Oliveira²

Resumo:

A proposta deste artigo é demonstrar que o cânon da Bíblia não contém todo o cristianismo, porque muitas das crenças cristãs se formaram e se desenvolveram à margem da Bíblia Hebraica. Defendemos que algumas citações que o Segundo Testamento faz do Primeiro na tentativa de ali fundamentar algum de seus dogmas decorre de uma releitura deste por meio de textos apócrifos e pseudepígrafos. Observamos que esses textos apresentam gêneros literários desconhecidos pelo judaísmo do primeiro templo e que precisam ser compreendidos e valorados, pois disto depende a riqueza da hermenêutica bíblica. Por fim, propomos um exercício de análise de um texto escatológico em que aquela literatura extra canônica é utilizada por Jesus para reforçar a autoridade de sua narrativa.

Palavras-chave: Gênero literário. Apócrifos. Pseudepígrafos. Cânon. Cristianismo.

Abstract:

The purpose of this article is to demonstrate that the canon of the Bible does not contain all of Christianity, because many Christian beliefs were formed and developed outside the Hebrew Bible. We argue that some citations that the Second Testament makes from the First in an attempt to base some of its dogmas there result from a re-reading of the latter through apocryphal and pseudepigraphic texts. We note that these texts present literary genres unknown to First Temple Judaism and that need to be understood and valued, as the richness of biblical hermeneutics depends on this. Finally, we propose an analysis exercise of an eschatological text in which extracanonical literature is used by Jesus to reinforce the authority of his narrative.

Keywords: Literary genre. Apocrypha. Pseudepigraphs. Canon. Christianity.

Introdução

Entendes tu o que lêes? A pergunta de Filipe ao mordomo-mor da rainha dos etíopes permanece vívida ainda nos dias atuais. A Bíblia atravessou milênios, sempre desafiando quem dela se aproxima a desvendar seus mistérios, mas a intrincada teia de gêneros literários que a permeia torna a tarefa assaz complicada. Em uma mesma perícopes é possível encontrarmos fantasia, história, parábola, biografia, sermão, sátira, diálogo, entre muitos outros gêneros e subgêneros,

¹ Enviado em: 05.04.2022. Aceito em: 10.08.2023.

² E-mail: marcos.murdock@yahoo.com.br.

como ocorre nos evangelhos. A compreensão do gênero literário é essencial para correta interpretação da passagem bíblica.

A par desse conhecimento acerca dos gêneros literários, é preciso levar em consideração que a Bíblia não se constitui em um escrito único, pois, como a própria nomenclatura indica, cuida-se de uma coleção de escritos, cada qual com as especificidades de seu local e época. A dificuldade parece ainda maior quando se lê o Segundo Testamento, porquanto alguns dos fatos nele mencionados nem sempre são encontrados no Primeiro, como a origem do diabo, dos demônios, do lago de fogo. Ao investigarmos de onde, então, teriam advindo essas crenças, verificamos que uma das possibilidades está atrelada à literatura produzida no chamado período intertestamentário, época em que floresceram novos gêneros literários, a exemplo da fantasia, que deu vida aos escritos visionários, como a apocalítica.

O conteúdo desses escritos era de conhecimento comum nos tempos de Jesus, e muito da teologia cristã deve-se a eles. Contudo, com o fechamento do cânon neotestamentário, por volta do século IV, passaram a ser considerados espúrios e foram relegados ao ostracismo, o que foi confirmado na Reforma Protestante, que endossou o dogma da sacralidade dos textos canônicos. No entendimento dos reformadores, o acesso a Deus independeria de um mediador, seja ele um sacerdote, a Igreja ou qualquer outra pessoa. As Escrituras falariam por si mesmas, como palavra inspirada de Deus que não conteria erros ou contradições, e em suas linhas encontraria o fiel toda a orientação de que necessita para uma vida perene de comunhão com seu Criador e acesso à vida eterna por meio de Jesus Cristo. Nelas nada se pode acrescentar ou tirar, e cada um de seus livros são igualmente inspirados, não havendo qualquer tipo de hierarquia entre eles. Veda-se, portanto, seu cotejo com qualquer outra literatura.

Por volta de 1950, entretanto, os apócrifos e pseudepígrafos foram redescobertos nas cavernas de Qumran, e desde então tem havido um crescente interesse por essa literatura. Para muitos, entretanto, que desconhecem ou desconsideram a importância que esses documentos tiveram na formação do cristianismo, sua leitura continua desnecessária ou imprópria, por conta da supremacia dos livros canônicos. O grande desafio, portanto, consiste em um duplo movimento convergente, em que os extra canônicos deixariam de ser vistos como espúrios, e os canônicos perderiam o caráter de intocáveis. Isto permitiria uma leitura homogênea de toda literatura que contribuiu para o desenvolvimento do cristianismo primitivo.

Esse exercício de nivelamento tem sido proposto por diversos teólogos. É o que pretendemos neste artigo ao analisar o motivo pelo qual Jesus, em seu discurso escatológico de Mateus 25:31-46, faz menção ao diabo e seus anjos. Com a homogeneização e interação dos textos canônicos e extra canônicos entendemos que haverá um maior grau de compreensão do Segundo Testamento.

Hermenêutica Literária da Bíblia

Ler a Bíblia como se fosse qualquer outro livro pode soar como sacrilégio na visão dos que a consideram uma coletânea de livros escritos por inspiração divina com a finalidade de revelar ao ser humano o plano salvífico de Deus. Sua leitura deveria ser acompanhada de uma atitude reverente. A revelação divina, entretanto, conforme Hebreus 1.1, não se manifesta de um modo único e exclusivo; Deus pode se revelar e falar com cada pessoa de muitas maneiras, como nos falou por

meio de Jesus Cristo. Isso não quer dizer que a mensagem do Mestre tenha sido recebida sem qualquer indagação pelas pessoas que o ouviam. Ao contrário, muitos foram os questionamentos de sua missão, de seus milagres e de sua doutrina a que Ele se propôs a dar explicações que fossem compreensíveis pelos que o ouviam, inclusive por meio de parábolas, um recurso literário muito utilizado.

De semelhante modo, o texto que o etíope lia no livro do Segundo Isaías (53:7)³ apresenta um simbolismo que só se tornou compreensível ao eunuco por meio da explicação de Filipe, o que demonstra que a mera interpretação literal é, por vezes, insuficiente para compreensão do texto bíblico. Esse modo de entender a hermenêutica literária pode decorrer da “compreensão da Bíblia como um documento único, completo e integral, não modificado e imutável, que transcende as condições da vida na terra”⁴, e que relata a história do povo judeu e da Igreja primitiva. Apesar disso, tais narrativas não buscam retratar eventos históricos em sentido técnico, mas atender a propósitos religiosos.⁵

De fato, há na Bíblia muitas passagens que discorrem sobre “eventos históricos”, como a história do dilúvio, a de José no Egito, a do sofrimento de Jó, a de Daniel na cova dos leões, entre tantas outras, mas ela não é um livro único, e sim uma antologia formada por uma coletânea heterogênea de escritos com uma grande variedade literária. Apesar de muitas de suas passagens serem escritas em formas históricas, e inclusive contar com uma parte conhecida como “livros históricos”, há certos fatores que limitam sua classificação como um livro histórico, conforme apontado por Gabel e Wheller,⁶ tais como a solução de continuidade temporal e a finalidade do relato.

Pelo primeiro, explicam os citados autores que “Em alguns pontos da Bíblia, dezenas e até centenas de anos são pulados com uma única frase, ou simplesmente desprezados” (2003, p. 51).⁷ Isso comprova que somente uns poucos eventos teriam sido selecionados na narrativa bíblica, deixando escapar a maior parte de todo acontecido no período. Já no que se refere à finalidade do relato, a objetividade cedia lugar à subjetividade.

Ao contar as suas histórias do passado, eles não o faziam em benefício do passado, mas do presente – do seu presente, é claro. Isto é, eles selecionavam materiais referentes ao passado e os moldavam nos termos do que sentiam ser as necessidades da audiência do seu presente.⁸

Por outras palavras, aqueles escritores bíblicos selecionavam eventos do passado, real ou fictício, que pudessem guardar correlação com o momento vivencial da sociedade da época em que escreviam, com a finalidade de que aquelas histórias servissem de parâmetro para o comportamento social que eles, escritores, julgavam adequados. Por outro lado, há na Bíblia um gênero literário que apresenta relatos como sendo eventos históricos. Esclarece Leland Ryken tratar-se da fantasia, um gênero geral que engloba os escritos visionários. Este último gênero

³ Aceita-se como Segundo Isaías a parte do Livro que engloba os capítulos 40-55, e que teriam sido escritos por um profeta anônimo no exílio da Babilônia.

⁴ GABEL, John B; WHELLER, Charles B. *A Bíblia como literatura: uma introdução*. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 73.

⁵ GABEL; WHELLER, 2003, p. 55.

⁶ GABEL; WHELLER, 2003, p. 50-52.

⁷ GABEL; WHELLER, 2003, p. 51.

⁸ GABEL; WHELLER, 2003, p. 51.

literário, por sua vez, subdivide-se em literatura profética e apocalíptica. Ambas exigem do intérprete uma leitura que leve em consideração elementos do imaginário fantasioso descritivo de lugares e personagens fictícios. Apesar disso, em muitos casos, como na literatura apocalíptica, esse imaginário retrata situações reais que estão sendo enfrentadas no momento da escrita. Por isso nos adverte Leland Ryken que na interpretação sejam observadas duas regras:

A primeira é apreciar o elemento do faz de contas e não recorrer a maneiras engenhosas para tentar compreender literalmente uma afirmação que é imaginária, pois a fantasia requer uma disposição ingênua para apreciar o irreal. Em segundo lugar, é importante também não descartar uma fantasia como sendo expressão do irreal. Em seus detalhes externos, a fantasia é falsa, mas esses mesmos detalhes retratam ou indicam realidades.⁹

Precisamos, portanto, compreender e aceitar que a Bíblia traz uma mensagem que nos é comunicada por meio de formas literárias que foram utilizadas pelos escritores bíblicos para composição do texto, e é o conhecimento dessas formas que nos permite apreender o sentido do que escreveram¹⁰, pois, “de certa maneira, a Bíblia, uma vez que é, afinal de contas, literatura, não pode ser lida corretamente, senão como literatura; e suas diferentes partes, como os diferentes tipos de literatura que são”.¹¹

O Período Intertestamentário

A Bíblia não é um livro cronologicamente sequencial, e há um interstício de aproximadamente 400 anos entre o Primeiro e o Segundo Testamentos que se estende da morte de Alexandre, o Grande, ocorrida em 323 a.e.C. até a destruição do templo de Jerusalém, no ano 70 e.C. Nada obstante, mesmo antes do início desse período os judeus já vivenciavam as influências da cultura de seus conquistadores. Após a destruição do reino do norte de Israel pela Assíria, em 722 a.e.C., o reino do sul enfrentou seu destino, em 597 a.e.C., sendo levados cativos para Babilônia, onde formaram comunidades prósperas nas quais se destacaram grandes pesquisadores e comentadores da Lei judaica.

Posteriormente, a Pérsia invadiu Babilônia e Ciro assumiu o poder. Durante seu reinado, os judeus gozavam de liberdade de culto, mas foram fortemente influenciados pela religião dos persas. Com o decreto de Ciro, em 538 a.e.C, muitos judeus preferiram permanecer na Babilônia, o que demonstra que o exílio não foi, necessariamente, um período de completo sofrimento. Em 333 a.e.C Alexandre conquista a Babilônia, assume o poder e dissemina o helenismo entre os novos súditos. Com a morte deste, em 323 a.e.C, o reino foi dividido entre seus principais generais: Selêuco, Lisímaco, Ptolemeu e Cassandro. Nessa nova fase, a cidade de Alexandria, no Egito, atraiu muitos judeus que se identificaram com a cultura helênica e que adotaram a língua grega em seus cotidianos. Foi ali que um grupo formado por 72 judeus fez a tradução das Escrituras hebraicas para o grego, versão essa que ficou conhecida como Septuaginta.¹²

A cultura dos conquistadores exerceu grande influência no modo de vida dos judeus. O império assírio adotou o aramaico como língua corrente entre seus vassalos, e o mesmo fizeram os

⁹ RYKEN, Leland. *Formas literárias da Bíblia*. Tradução de Sandra Salum Marra. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 70.

¹⁰ RYKEN, Leland. *Para ler a Bíblia como literatura*. Tradução de André Lodos Tangerino. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 11.

¹¹ RYKEN, 2017, p. 10.

¹² GABEL; WHELLER, 2003, p. 139.

gregos mais tarde, quando o uso do grego koinê se tornou corrente, inclusive entre muitos judeus que o adotaram de bom grado. Na religião, pode-se dizer que grande importância teve o dualismo cósmico dos persas que, associado à opressão ptolomaica e à canonização da Lei e dos Profetas, pavimentou o caminho para o florescimento da apocalíptica judaica, que não foi recepcionada no cânon judaico, embora alguns escritos tenham encontrado acolhida Bíblia católica e contribuído significativamente para formação da teologia cristã, em especial de sua escatologia, trazendo temas não encontrados no Primeiro Testamento nem no judaísmo pré-exílico babilônico. Sem embargo, ainda que utilizemos os recursos da hermenêutica literária, algumas passagens do Segundo Testamento se tornam nebulosas ou incompreensíveis quando analisadas somente com base na Bíblia hebraica, o que nos leva a pesquisar a influência da apocalíptica produzida no período Interbíblico na formação da teologia cristã.

Não negamos a influência do Primeiro Testamento na formação do Segundo, nem que a teologia cristã esteja isenta de qualquer tributo ao judaísmo do primeiro templo. Ocorre que em alguns casos que a simples releitura do Primeiro Testamento diretamente à luz do Segundo pode nos levar à conclusão de que naquele se encontra todo o fundamento deste, o que pode não ser o caso. Com isso, podemos concluir que desde a queda de Samaria o povo de Israel passou a experimentar paulatinas e significativas mudanças, e interessa-nos aqui, particularmente, a reviravolta ocorrida em sua teologia provocada pela apocalíptica judaica. Como resultado, floresceu no chamado judaísmo do segundo templo uma literatura visionária que retratou, entre outros temas, a existência de uma dualidade cósmica; a origem do mal; o aparecimento do Diabo, seus anjos e demônios; o pecado original e a dualidade ética; a imortalidade da alma; a ressurreição e julgamento dos mortos; o inferno.

Literatura Apócrifa e Pseudepígrafa

A Bíblia hebraica não existia nos tempos de Jesus. O processo que culminou com a canonização dos 24 livros que a compõem não ocorreu em um momento único. Argumenta-se¹³, com base nos capítulos 22 e 23 de 2 Reis, que até o ano de 622 a.e.C a Torá não seria conhecida sequer pelo sumo sacerdote, e que o rolo da Lei que foi encontrado no templo teria vindo a ser reconhecido como a primeira parte da futura Bíblia hebraica, sendo que em 400 a.e.C. a Torá já teria sua canonicidade aceita. Posteriormente, e antes do ano 200 a.e.C. teria sido a vez de os livros proféticos (anteriores e posteriores) serem canonizados. Somente por volta do ano 100 e.C. os escritos ingressariam no cânon. Desse modo, nos tempos de Jesus, somente a Torá e os Profetas eram invocados como escrituras sagradas (Mt 7:12; Lc 16:16).

Os livros que não foram aceitos no cânon são conhecidos como apócrifos e pseudepígrafos. Explica Filipe de Oliveira Guimarães¹⁴ que ambos devem ser analisados a partir de um ponto de vista estrutural. O primeiro termo estaria vinculado a uma característica interna do escrito que, historicamente, significaria algo não verdadeiro, falso, mas seu significado etimológico indicaria algo que está oculto. E neste último significado residiria sua diferença em relação aos livros do cânon sagrado, que seriam considerados revelados, explícitos. Já o segundo termo retrataria um aspecto externo da obra. Além disso, apócrifo, que implicaria em uma autoria diversa daquele que de fato o escreveu.

¹³ GABEL; WHELLER, 2003, p. 77-78.

¹⁴ GUIMARÃES, Filipe de Oliveira. Enoque: um livro profético para o Cristo. 201 f. *Tese* (Doutorado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

até o século XIX percebe-se que ainda não estava clara a diferença entre o que seriam livros que pertenciam à categoria pseudoepigráfica e livros que deveriam ser situados entre os apócrifos. Para exemplificar citamos as palavras de G. H. Schodde que chama o principal livro da categoria pseudoepigráfica de apócrifo. Ele diz: 'O Livro de Enoque é um trabalho apócrifo.' A distinção entre as categorias começa a se aguçar no século XX. Nesse momento apareceram listas de livros que seriam agrupados na categoria pseudoepígrafa.¹⁵

Para Marcelo da Silva Carneiro, apócrifos e pseudoepígrafos são termos que tecnicamente identificariam um mesmo tipo de texto, tanto em sua estrutura interna como externa, e que a finalidade da terminologia apontaria tão somente a fonte que os produziu: "pseudoepígrafos para os textos judaicos tardios, apócrifos para os textos cristãos não canônicos".¹⁶

Matthias Henze, por sua vez,¹⁷ embora admita que de fato não haja na atualidade uma definição clara entre esses termos, destaca que uma e outra categoria deveria ser tratada de forma separada, reservando-se o termo "apócrifos" para os livros judaicos, escritos antes do início do cristianismo, e que estão preservados na Septuaginta, na Vulgata, e em algumas Bíblias, como a católica romana, a grega, a eslava. Os pseudoepígrafos, por seu turno, existiriam em número aberto (ao contrário da Bíblia e dos apócrifos) e crescente.

Robert Henry Charles¹⁸ tem outra explicação para a pseudepigrafia a partir de uma diferenciação entre judaísmo legalista e judaísmo apocalíptico. Ele começa explicando que a profecia e a apocalíptica seriam verso e anverso da mesma moeda, e se distinguiriam pelo fato de esta ser mais abrangente do que aquela, cujo escopo estaria limitado no tempo e no espaço. A seguir, ele diferencia a profecia pré da pós-exílica. A primeira teria desfrutado inicialmente de uma fase oral, passando posteriormente para a fase literária. A pós-exílica, por sua vez, não teve uma fase oral. Com a canonização da Lei, por volta de 400 a.e.C. não teria havido mais possibilidade de que alguém se manifestasse como profeta em nome de Javé, porquanto este já haveria se manifestado e declarado sua palavra por meio da Lei.

Desde então, a função até então exercida pelos profetas pré-exílicos era agora assumida pela Lei. Por isso, "O profeta que emitia uma profecia em seu próprio nome após o tempo de Esdras e Neemias não podia esperar ter muita influência, a menos que a sua profecia tivesse o *imprimatur* da Lei".¹⁹ Somente a Lei atestaria a validade de uma profecia após 400 a.e.C, ou, ao menos, não a descredenciaria, desde que ela fosse atribuída a algum grande nome reconhecido pela Lei. Todavia, essa brecha aberta à profecia pós-exílica teria terminado com a canonização dos livros proféticos, por volta do ano 200 a.e.C. Diante da impossibilidade do exercício do ministério profético, a apocalíptica teria assumido a função de conduzir o povo, moral e espiritualmente. Desta feita, tanto a profecia, como também a apocalíptica, teriam utilizado a pseudepigrafia como modo de alcançar relevância ao relato após o século IV a.C.

¹⁵ GUIMARÃES, 2015, p. 313; 316.

¹⁶ CARNEIRO, Marcelo da Silva. A apocricidade como critério hermenêutico. *Revista Brasileira de Teologia*. Rio de Janeiro. N. 6, Jul./Dez. 2018, p. 89.

¹⁷ HENZE, Matthias. Os pseudepígrafos do Antigo Testamento hoje: os antigos escritos de Israel na pesquisa moderna. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. (Org.). *Apocricidade: o cristianismo primitivo para além do cânon*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 39-41.

¹⁸ CHARLES, Raymond Henry. *Vida após a morte no judaísmo e no cristianismo*. Tradução de Brian Kibuuka. São Paulo: Ebenézer Musical, 2020, p. 155-157.

¹⁹ CHARLES, 2020, p. 156.

Outro ponto de vista é o de Raymond E. Brown.²⁰ Reflete ele que no princípio o termo apócrifo teria um significado elogioso, posto que era reservado para os “livros sagrados cujos conteúdos eram elevados demais para serem disponibilizados ao público em geral”, mas com a associação dessa literatura à heresia enfrentada pela Igreja, o termo teria assumido um sentido pejorativo. Acrescenta ele que na atualidade o termo apócrifo seria reservado pelos protestantes às 15 obras de origem judaica (no que parece haver sintonia parcial em Matthias Henze), conhecidas pelos católicos como livros deuterocanônicos, e aquilo que os católicos chamam de apócrifos, os protestantes afirmariam ser pseudepígrafos.²¹ Desse modo, por exemplo, 1 Enoque seria um escrito apócrifo para os católicos e pseudepígrafo para os protestantes.

Em que pese não haver de fato uma definição clara dos termos, entendemos que o ponto central reside no conteúdo dos livros, independentemente da nomenclatura que recebam. Essa literatura foi de extrema importância na construção da teologia cristã, amplamente utilizada pelos primeiros cristãos, mas ficou relegada à escuridão até ser redescoberta nos anos de 1950, embora já antes dessa data autores havia que entenderam a importância desses escritos. Desde então há um crescente interesse por essas obras e revalorização dessa literatura face aos textos canônicos, como aponta Marcelo da Silva Carneiro ao destacar que

querer que os textos canônicos tenham supremacia inquestionável sobre os apócrifos ou, em outra ordem, que os apócrifos sejam considerados espúrios, tal como os Pais da Igreja os consideram, é uma postura no mínimo ortodoxa e motivada tão somente pelos critérios *a posteriori* que a Igreja definiu para esses textos.²²

Nessa mesma linha de pensamento, Paulo Augusto de Souza Nogueira,²³ ao falar em apócrifos do Novo Testamento, parece não seguir a diferenciação terminológica apontada acima por Matthias Henze.²⁴ Seu raciocínio aparenta estar mais próximo ao de Luigi Moraldi,²⁵ segundo o qual apócrifo é um gênero que congrega todos os escritos, do Primeiro e do Segundo Testamentos, que não foram canonizados. Ressalta ainda Paulo Nogueira que apócrifos, pseudepígrafos e canônicos deveriam ser analisados em conjunto, sem hierarquia ou preeminência de quaisquer deles. Ademais, o estudo bíblico não poderia ser prisioneiro de uma coletânea de livros considerados sagrados e que, portanto, impediriam a análise de outros escritos considerados espúrios tão somente pelo fato de não terem alcançado aquela mesma classificação por um grupo de estudiosos de tempos pretéritos, de modo que “a ideia anacrônica a ser questionada e desconstruída nos estudos bíblicos é a de cânon”.²⁶

Ainda, nessa defesa de nivelamento de todos os escritos, independentemente de serem apócrifos, pseudepígrafos ou canônicos, a argumentação de Matthias Henze,²⁷ para quem a

²⁰ BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. Tradução de Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Paulus, 2018.

²¹ BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2018, p. 949-950.

²² CARNEIRO, 2018, p. 91.

²³ NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. (Org.). *Apocripticidade: o cristianismo primitivo para além do cânon*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 20-30.

²⁴ HENZE, In: NOGUEIRA, 2015.

²⁵ MORALDI, Luigi. *Evangelhos apócrifos*. Tradução de Benôni Lemos e Patrizia Collina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 1999, p. 13.

²⁶ NOGUEIRA, 2015, p. 23.

²⁷ HENZE, In: NOGUEIRA, 2015, p. 51.

compreensão do início do cristianismo não pode ser alcançada à margem da literatura extra canônica.

O objetivo é perceber que o cristianismo é produto do judaísmo do Segundo Templo e obter uma compreensão mais clara do ambiente judaico a partir do qual o cristianismo nascente se desenvolveu. O movimento inicial de Jesus não emerge do Antigo Testamento, mas do judaísmo do Segundo Templo. (...) Para entender o ambiente judaico do Novo Testamento, precisamos voltar aos escritos extra canônicos do judaísmo antigo, isto é, aos Apócrifos e aos Pseudepígrafos.²⁸

Por esse motivo afirmamos acima que ainda que façamos uma leitura da Bíblia como literatura, há pontos que remanesçam obscuros se não atentarmos para o fato de que o fundamento teológico do Segundo Testamento não decorre única e exclusivamente do Primeiro, isto é, da Bíblia hebraica. Antes, deve ser lido por meio da lente da literatura apócrifa e pseudepígrafa, principalmente no que se refere ao imaginário trazido pela apocalíptica. Esse novo olhar sobre os textos extra canônicos tem sido chamado de apocrificidade²⁹, e foi proposto por Marcelo da Silva Carneiro como um novo método hermenêutico:

Tendo a apocrificidade como princípio de aproximação dos textos é possível pensar no texto como uma teia de relações dentro e fora dele, independente da forma como ele seja concebido posteriormente. O texto não tem em si mesmo o caráter de apócrifo ou canônico; o que permanece nele é a tentativa de retratar a realidade e ao mesmo tempo criar seu próprio mundo textual. Apocrificidade se torna, assim, uma chave de leitura.³⁰

São, portanto, dois movimentos de aproximação, um em direção ao outro. Por um lado, desvestimos a Bíblia de seu manto intocável da canonicidade, permitindo-se que ela seja lida como literatura; por outro, afastamos a concepção de falsidade e de heresia que marcam os escritos extra canônicos, a fim de que recebam tratamento igualitário ao da Bíblia. Com isso, temos uma nova biblioteca com a qual iremos trabalhar no estudo da religião cristã.

Hermenêutica Literária de Mateus 25:31-46: Apocrificidade por trás do Cânon

A Bíblia é, como o próprio nome dar a entender, uma coletânea de livros, cada qual apresentando características por vezes bem específicas, como no caso dos evangelhos, que combinam em si diversos gêneros e subgêneros literários, como explica Leland Ryken.

os evangelhos são formas enciclopédicas que agregam um vasto rol de gêneros, incluindo os seguintes: biografia, narrativa histórica, história de herói, diário, parábola, drama, diálogo, sermão ou discurso, provérbio, sátira, poesia, tragédia e comédia. Além disso, os evangelhos compreendem uma variedade de subgêneros, alguns deles exclusivos desse gênero [evangelho]: história de anunciação, história de natividade, história de chamado ou vocação, história de testemunho, história de encontro, história de conflito/confronto, história de pronunciamento (em que um evento está ligado a uma declaração memorável

²⁸ HENZE, In: NOGUEIRA, 2015, p. 55.

²⁹ O termo é mencionado por Paulo Augusto de Sousa Nogueira (2015, p. 10) e por Marcelo da Silva Carneiro (2018, p. 92). Ambos nos informam que a fonte primária do conceito viria de Pierluigi Piovanelli, em sua obra *What Is a Christian Apocryphal Text and How Does It Work? Some Observations on Apocryphal Hermeneutics* (O que é um texto apócrifo cristão e como ele funciona? Algumas observações sobre hermenêutica apócrifa).

³⁰ CARNEIRO, 2018, p. 92.

de Jesus), história de milagre e história da paixão (tratando do sofrimento, morte e ressurreição de Jesus).³¹

Apesar de apresentarem toda essa variedade de gêneros e subgêneros literários, incluindo entre eles alguns de história, conforme mencionados, os evangelhos não podem ser identificados como história, assim como já mencionado acima com relação a toda a Bíblia que, mesmo apresentando várias histórias e até mesmo dispondo de uma coletânea de livros denominados “livros históricos”, ela em si não é história. Assim, de igual modo, os evangelhos não podem ser entendidos como história, como já esclarecido por Marcelo da Silva Carneiro.

Os evangelhos de forma alguma podem ser categorizados como história, porque não retratam um período de longa duração, nem foram escritos à parte da vivência comunitária daqueles que são retratados direta ou indiretamente nas narrativas, eles guardam em si diversas características relacionadas com a memória coletiva.³²

A aparente contradição da afirmação de que a Bíblia (os evangelhos, inclusos) relata histórias e possui livros históricos, mas não é história em si pode ser explicada pelo fato de que a noção de história admite muitas acepções, como destaca Jacques Le Goff, de modo que

junto à história política, à história econômica e social, à história cultural, nasceu uma história das *representações*. Esta assumiu formas diversas: história das concepções globais da sociedade ou história das *ideologias*; história das estruturas mentais comuns a uma categoria social, a uma sociedade, a uma época, ou história das *mentalidades*; histórias das produções do espírito ligadas não ao texto, à palavra, ao gesto, mas à imagem ou história do *imaginário*, que permite retratar os documentos literário e artístico como plenamente históricos, sob condição de ser respeitada sua especificidade; história das condutas, das práticas, dos rituais, que remete a uma realidade oculta, subjacente, ou história do *simbólico*, que talvez um dia conduza a uma história *psicanalítica*, cujas provas de estatuto científico não parecem ainda reunidas. Enfim, a própria ciência histórica é colocada numa perspectiva histórica com o desenvolvimento da *historiografia*, ou *história da história*.³³

Isto é importante explicar para entendermos a história oculta na narrativa de Jesus no texto a seguir, que é a história (imaginária) da queda dos anjos, relatada no Livro de 1 Enoque. A delimitação textual que selecionamos para este exercício restringe-se à perícopes de Mt 25:31-46, que faz parte do discurso escatológico dos capítulos 24 e 25, a seguir:

MATEUS 25.31-46			
	Nestle-Aland 28 (SBB, 218)	Tradução literal	Tradução formal
31	Ὅταν δὲ ἔλθῃ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου ἐν τῇ δόξῃ αὐτοῦ καὶ πάντες οἱ ἄγγελοι μετ’ αὐτοῦ,	Quando vier o Filho do Homem em a glória dele e todos os anjos com ele, então sentará sobre trono de glória dele	E quando vier o Filho do Homem em sua glória, e todos os anjos com ele,

³¹ RYKEN, Leland. Formas literárias da Bíblia. Tradução de Sandra Salum Marra. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 65.

³² CARNEIRO, Marcelo. *Os evangelhos sinóticos: origens, memória e identidade*. São Paulo: Fonte Editorial, Edições Terceira Via, 2016, p. 38.

³³ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 13.

	τότε καθίσει ἐπὶ θρόνου δόξης αὐτοῦ·		então se sentará no trono de sua glória
32	καὶ συναχθήσονται ἔμπροσθεν αὐτοῦ πάντα τὰ ἔθνη, καὶ ἀφορίσει αὐτοὺς ἀπ’ ἀλλήλων, ὡσπερ ὁ ποιμὴν ἀφορίζει τὰ πρόβατα ἀπὸ τῶν ἐρίφων,	E serão reunidas perante ele todas as nações, e separará os mesmos uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas de os cabritos	E serão reunidas perante ele toda as nações, e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos;
33	καὶ στήσει τὰ μὲν πρόβατα ἐκ δεξιῶν αὐτοῦ, τὰ δὲ ἐρίφια ἐξ εὐωνύμων.	e colocará as ovelhas à direita dele, os mas cabritos à esquerda.	E colocará as ovelhas a sua direita, mas os cabritos à esquerda.
34	τότε ἐρεῖ ὁ Βασιλεὺς τοῖς ἐκ δεξιῶν αὐτοῦ Δεῦτε οἱ εὐλογημένοι τοῦ Πατρός μου, κληρονομήσατε τὴν ἡτοιμασμένην ὑμῖν βασιλείαν ἀπὸ καταβολῆς κόσμου.	Então dirá o rei aos à direita dele: Vinde os benditos do Pai meu, herdai o preparado para vós reino desde fundação de mundo.	Então dirá o Rei aos que estiverem à direita: Vinde, benditos de meu Pai, herdai o reino preparado para vós desde a fundação do mundo.
35	ἐπέινασα γὰρ καὶ ἐδώκατέ μοι φαγεῖν, ἐδίψησα καὶ ἐποτίσατέ με, ξένος ἦμην καὶ συνηγάγετέ με,	Tive fome pois e destes a mim de comer, tive sede e destes de beber a mim, estrangeiro era e acolhestes a mim,	Pois tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era estrangeiro, e acolhestes-me;
36	γυμνὸς καὶ περιεβάλετέ με, ἡσθένησα καὶ ἐπεσκέψασθέ με, ἐν φυλακῇ ἦμην καὶ ἦλθατε πρὸς με.	nu e vestistes a mim, estava doente e visitastes a mim, em prisão estava e viestes a mim.	Estava nu, e vestistes-me; estava doente, e visitastes-me; estava preso, e viestes a mim.
37	τότε ἀποκριθήσονται αὐτῷ οἱ δίκαιοι λέγοντες Κύριε, πότε σε εἶδομεν πεινῶντα καὶ ἐθρέψαμεν, ἢ διψῶντα καὶ ἐποτίσαμεν;	Então responderão a Ele os justos dizendo: Senhor, quando te vimos passando fome e alimentamos, ou tendo sede e demos de beber?	Então lhes responderão os justos, dizendo: Senhor, quando te vimos passando fome e te alimentamos, ou tendo sede e te demos de beber?
38	πότε δέ σε εἶδομεν ξένον καὶ συνηγάγομεν, ἢ γυμνὸν καὶ περιεβάλομεν;	Quando te vimos estrangeiro e acolhemos, ou nu e vestimos?	Quando te vimos estrangeiro e te acolhemos, ou nu e te vestimos?
39	πότε δέ σε εἶδομεν ἀσθενοῦντα ἢ ἐν φυλακῇ καὶ ἦλθομεν πρὸς σε;	Quando te vimos estando doente ou em prisão e viemos a ti?	Quando te vimos doente ou preso e viemos a ti?
40	καὶ ἀποκριθεὶς ὁ Βασιλεὺς ἐρεῖ αὐτοῖς Ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἐφ’ ὅσον ἐποιήσατε ἐν τούτων τῶν ἀδελφῶν μου τῶν ἐλαχίστων, ἐμοὶ ἐποιήσατε.	E respondendo o rei dirá a eles: Por certo digo a vós: Sempre que fizestes a um destes irmãos meus os pequeninos, a mim fizestes.	E respondendo o Rei lhes dirá: Por certo vos digo, que sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

41	τότε ἐρεῖ καὶ τοῖς ἐξ εὐωνύμων Πορεύεσθε ἀπ' ἐμοῦ κατηραμένοι εἰς τὸ πῦρ τὸ αἰώνιον τὸ ἠτοιμασμένον τῷ διαβόλῳ καὶ τοῖς ἀγγέλοις αὐτοῦ.	Então dirá também aos à esquerda: Afastai de mim malditos para o fogo eterno preparado para o diabo e para os anjos dele.	Então dirá também aos que estiverem a sua esquerda: Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.
42	ἐπείνασα γὰρ καὶ οὐκ ἐδώκατέ μοι φαγεῖν, ἐδίψησα καὶ οὐκ ἐποτίσατέ με,	Tive fome pois e não destes a mim de comer, tive sede e não destes de beber a mim,	Pois tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber;
43	ξένος ἦμην καὶ οὐ συνηγάγετέ με, γυμνός καὶ οὐ περιεβάλετέ με, ἀσθενής καὶ ἐν φυλακῇ καὶ οὐκ ἐπεσκέψασθέ με.	Estrangeiro era e não acolhestes a mim, nu e não vestistes a mim, enfermo e em prisão e não visitastes a mim	Era estrangeiro, e não me acolhestes; estava nu, e não me vestistes; estava enfermo e em prisão, e não me visitastes.
44	τότε ἀποκριθήσονται καὶ αὐτοὶ λέγοντες Κύριε, πότε σε εἶδομεν πεινῶντα ἢ διψῶντα ἢ ξένον ἢ γυμνὸν ἢ ἀσθενῆ ἢ ἐν φυλακῇ καὶ οὐ διηκονήσαμεν σοι;	Então responderão também eles dizendo: Senhor, quando te vimos passando fome, ou tendo sede, ou estrangeiro, ou nu, ou enfermo, ou em prisão e não servimos a ti?	Então lhes responderão também dizendo: Senhor, quando te vimos passando fome, ou tendo sede, ou estrangeiro, ou nu ou enfermo, ou em prisão e não te servimos?
45	τότε ἀποκριθήσεται αὐτοῖς λέγων Ἀμήν λέγω ὑμῖν, ἐφ' ὅσον οὐκ ἐποιήσατε ἐνὶ τούτων τῶν ἐλαχίστων, οὐδὲ ἐμοὶ ἐποιήσατε.	Então responderá a eles dizendo: Por certo digo a vós: Sempre que não fizestes a um destes os pequeninos, tampouco a mim fizestes	Então lhes responderá, dizendo: Por certo vos digo, que sempre que não o fizestes a um destes pequeninos, tampouco a mim o fizestes.
46	καὶ ἀπελεύσονται οὗτοι εἰς κόλασιν αἰώνιον, οἱ δὲ δίκαιοι εἰς ζωὴν αἰώνιον. καὶ ἀπελεύσονται οὗτοι εἰς κόλασιν αἰώνιον, οἱ δὲ δίκαιοι εἰς ζωὴν αἰώνιον.	E irão estes para castigo eterno, os mais justos para vida eterna.	E irão estes para o castigo eterno; mas os justos, para a vida eterna.

Essa narrativa em Mt 25:31-46 descreve uma cena de julgamento. No tribunal onde se realiza o ato, o juiz está ao centro. À sua direita, os benditos que herdaram o reino; à esquerda, os malditos destinados ao inferno. A causa em debate é o amor a Deus revelado no cuidado com os necessitados (1 Jo 3:14-17). Ao final, a sentença de condenação dos cabritos implica no banimento destes da presença de Deus, que são lançados no lago de fogo, onde serão eternamente atormentados. Aos que cuidaram de seu próximo, por outro lado, a recompensa é a vida eterna de plena felicidade na presença de Deus. Portanto, o objetivo final da narrativa é uma parênese, isto é, uma exortação moral de Jesus dirigida aos seus ouvintes, ainda que de forma velada. Sua mensagem deixa evidente que uma vida de comunhão com Deus se revela no cuidado com os necessitados, diante dos quais todos têm sua parcela de responsabilidade. O desprezo pelos desamparados implica no desprezo por Deus.

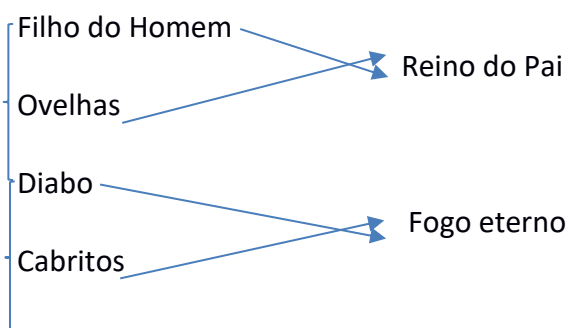
Porém, diferentemente de um julgamento comum, não há no episódio necessidade de um acusador ou defensor, porquanto o juiz já está plenamente informado da causa e a sentença já está pronta. Por isso, de antemão ele já separa as ovelhas dos cabritos. Ovelhas e cabritos conviviam no mesmo espaço durante o dia, mas à noite, por causa do frio, eram separados, porque os cabritos não tinham proteção natural, como as ovelhas, para se protegerem do frio e precisavam ficar em um lugar mais aquecido. A moral da parábola não é, obviamente, a proteção dos cabritos, mas a necessidade de separação de uns e outros. Trata-se, assim, de um juiz escatológico, que vê além das provas empíricas, como em Provérbios 20:8.

Entretanto, a razão dessa narrativa está no capítulo 23, onde Jesus tece uma crítica ao comportamento dos mestres da Lei e dos líderes religiosos (cabritos), que se assentam na cadeira de Moisés para julgar o povo. O verdadeiro juiz, porém, é indicado ao final do capítulo 23, no verso 39: “Porque eu vos digo que desde agora me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor”, quando O Filho do Homem se assentará para julgar não somente o povo (ovelhas), mas também os cabritos, tipificados nos líderes religiosos, mas extensivo a todos aqueles cujos comportamentos aos deles se igualem, porque o juízo tem caráter universalista.

Destarte, temos nessa perícopie, um modo de exortação, em que Jesus procura instruir seus discípulos acerca da valoração no cuidado ao próximo, onde se observa que não seria o fato de pertencer a uma classe religiosa que conduziria à vida eterna, mas o comportamento individual nas relações pessoais e na atenção dispensada aos necessitados. Esse tipo de exortação, em que as punições e recompensas são reservadas para depois da morte, é típica da apocalíptica. A sentença de castigo dos ímpios serve como um alerta para o exercício de um bom comportamento por parte dos filhos do reino, seguindo um modelo dualista de exortação.

Filho do Homem e seus anjos	diabo e seus anjos
direita	esquerda
ovelhas	cabritos
benditos	malditos
atitude de cuidado ao próximo	atitude de desamparo
vida eterna	castigo eterno
Reino do Pai	Fogo eterno

A tônica da cena do julgamento não está na parábola de separação entre ovelhas e cabritos, mas no destino de cada qual. Assim, temos:



Desse modo, O Filho do Homem julga, e o diabo é julgado. Aquele e suas ovelhas tem a vida eterna; este e seus cabritos estão condenados ao lago de fogo. O motivo que leva os cabritos ao lago de fogo já é por nós conhecido, como destacado acima. Mas e o diabo? Quem é? Que feitos

realizou? E quem são seus anjos? Por que, afinal de contas, Jesus faz menção ao diabo e seus anjos quando fala do castigo eterno dos pecadores? São perguntas que o judaísmo legalista não responde. Por isso, dentre os muitos gêneros literários que podem ser encontrados nessa perícopes, chamamos a atenção o imaginário apocalíptico que permeia toda a cena, em particular a menção que é feita ao Diabo e seus anjos, e à sentença que recebem, uma vez que o destino deles está atrelado ao dos ímpios (cabritos). Ao que parece, eram temas comuns aos ouvintes de Jesus, pois ele não precisou dar explicações de quem eram o diabo e seus anjos, quando e por que eles foram condenados, nem acerca do lago de fogo. Se buscarmos no Primeiro Testamento, não encontraremos as respostas no judaísmo legalista (Lei e Profetas), mas, no judaísmo apocalíptico.

Como o profetismo havia terminado muito antes da era cristã e em seu lugar surgiu a apocalíptica, foi da vertente apocalíptica do judaísmo que nasceu o cristianismo. Na Palestina onde atuaram Jesus e os seus discípulos, operava a apocalíptica, não o legalismo.³⁴

Esse fator ainda se explica pelo fato de os escritores do Segundo Testamento terem utilizado a Septuaginta na elaboração de seus textos. A relevância disso está em que a Septuaginta contém os livros da Bíblia hebraica e alguns outros apócrifos nos quais há histórias ausentes e “que podiam servir de argumento em favor da posição cristã a respeito de ideias como a ressurreição, o Messias, anjos e demônios”.³⁵

Desse modo, em endosso ao quanto já acima escrito, parece não restar dúvidas da grande influência dos apócrifos e pseudepígrafos no Segundo Testamento e na teologia cristã. Apesar de haver outras fontes extra canônicas para a explicação do aparecimento do diabo e demônios, escolhemos o Livro de Enoque para análise da temática. Nossa missão a seguir será, portanto, fazer uma breve leitura do Livro dos Vigilantes para demonstrar uma das fontes de crença no diabo e demônios corrente nos tempos de Jesus.

O Livro de Enoque

Em 586 a.C. os judeus foram levados para Babilônia, onde posteriormente tiveram contato com a cultura persa e sua religião, e foram autorizados por Ciro a regressarem a Jerusalém e reconstruírem o templo. O período que se segue é, por isso, conhecido como “judaísmo do segundo templo”, e se estende de 515 A.E.C até o ano 70 D.E.C. Durante esse lapso temporal ocorreram profundas mudanças na vida político-social e religiosa de Israel. Na teologia desenvolveu-se entre os judeus um novo tipo de gênero literário: a apocalíptica, que produziu obras como o livro de 1 Enoque, cuja temática principal voltava-se à explicação da origem do mal, e que pode ter sido a fonte da crença cristã nos demônios.³⁶

Enoque não é exatamente um livro, mas, uma coletânea de 5 textos, assim divididos: 1 – Livros dos Vigilantes (cap. 1-36); 2 – Livro das Parábolas (cap. 37-71); 3 – Livro Astronômico (cap. 72-82); 4 – Livro dos Sonhos (cap. 83-90); 5 – Epístola de Enoque (cap. 91-108). Essa obra teria exercido grande influência na comunidade judaica do segundo templo e também no cristianismo primitivo, mas teria perdido sua importância após o século IV, sendo redescoberto em decorrência

³⁴ CHARLES, Raymond Henry. *Vida após a morte no judaísmo e no cristianismo*. Tradução de Brian Kibuuka. São Paulo: Ebenézer Musical, 2020, p. 151.

³⁵ GABEL; WHELLER, 2003, p. 155.

³⁶ CHARLES, 2020, p. 155.

de pesquisas arqueológicas realizadas entre os anos de 1947 e 1956 nas cavernas de Qumran. Ali teriam sido achados centenas de fragmentos de textos, sendo que 11 manuscritos completos de Enoque estariam na caverna de número 4, além de outros 140 fragmentos do mesmo livro.³⁷ O gênero literário a que a obra pertencente é a apocalíptica, que traz como marca a pseudepigrafia, atribuindo-se sua autoria a Enoque. O personagem principal do Livro é Enoque, que seria aquele indicado em Gênesis 5, pai de Matusalém e avô de Noé. Viveu na Terra por 365 anos e depois foi trasladado aos Céus.

O Livro dos Vigilantes

A dualidade cósmica que os judeus conheceram no exílio babilônio em conformidade com a religião de Zoroastro era desconhecida por seus ancestrais pré-proféticos, quando toda atividade, boa ou má, era sempre atribuída a Javé. Explica Raymond Henry Charles³⁸ que naqueles tempos pretéritos vigorava a crença em uma divindade nacional, que personificava o povo “com suas virtudes e vícios em escala heroica”, e cujas ações e comportamentos nem sempre eram assimiláveis racionalmente, como na passagem de 2 Samuel 6:6,7, que relata o destino fatal de Uzá, quando este se antecipou para evitar que a arca caísse.

Em outra oportunidade, Javé teria incitado Davi a fazer um recenseamento para, posteriormente, punir o povo pelo fato de Davi haver obedecido à ordem (2 Samuel 24). Esta última passagem, esclarece Charles, quando reescrita em 1 Crônicas 21:1, já não atribuiria a Javé a incitação a Davi, mas a Satanás, retirando a contradição antes existente. Desse modo, Satanás aparece como o causador do mal, e Javé como aquele que exerce justiça. Mas essa é uma releitura feita por meio da apocalíptica apócrifa que atribui o mal a um outro personagem, como no Livro dos Vigilantes.

O Livro dos Vigilantes está inserto nos capítulos 1 a 36 do Livro de 1 Enoque, e exerce importância vital para compreensão de um ponto que no cristianismo será central: A ideia do mal causado pelo pecado, associada à atividade de Satanás e seus demônios. Os primeiros 5 capítulos são uma introdução aos demais capítulos e uma advertência quanto a um futuro juízo final. Essa temática escatológica será posteriormente desenvolvida pelo cristianismo, que seguirá a apocalíptica judaica em sua visão dualista entre bem e mal, santos e pecadores, salvos e condenados, até o dia do Juízo Final, onde todo mal será erradicado. Satanás é identificado nas figuras de Shemihazah e Azazel, que para Marcelo Leonardo Ximenes são dois personagens distintos e com papéis específicos. Para John Collins, entretanto, não estaríamos diante de dois seres, mas de um, que por vezes é apresentado como Azazel, outras como Shemihazah.

a própria história dos Vigilantes é complicada pelo entrelaçamento de duas tradições distintas. Em uma tradição, o líder dos Vigilantes é Semiaza, e o pecado primário é o casamento com humanas e a geração de gigantes; em outra tradição, o líder é Azazel, e o pecado primário é a revelação inapropriada.³⁹

Ambos, entretanto, concordam em que a história dos Vigilantes fornece um paradigma para a origem do pecado e do mal.⁴⁰ A ação dos Vigilantes é, portanto, a causa primária e responsável

³⁷ GUIMARÃES, 2015, p. 292.

³⁸ CHARLES, 2020, p. 19.

³⁹ COLLINS, John J. *A imaginação apocalíptica: Uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 83.

⁴⁰ COLLINS, 2010, p. 87.

pelo aparecimento do pecado no mundo e pela separação entre Deus e os seres humanos. Portanto, e de acordo com os relatos do Livro, entendemos que antes do mal moral, isto é, o mal decorrente da escolha humana, que se aparta do bem e segue pelo caminho do pecado, há um mal anterior a ele. Esse mal foi criado por uma vontade alheia aos seres humanos. De igual modo, o relato de Gênesis deixa patente que o mal não teria nascido de uma ação congênita do ser humano, que vivia na inocência até que Satanás, na figura da serpente, aparece no Jardim do Éden.

Segundo o relato do Livro, explica Enoque que houve nos tempos de seu pai Jared, uma classe de anjos responsáveis por cuidar da humanidade, conhecidos como Vigilantes. Entretanto, esses anjos, em um total de 200, encantados com a beleza feminina, desejaram unirem-se a elas e, para isso estavam dispostos a perderem todo prestígio de que gozavam como anjos. Filipe de Oliveira Guimarães entende que não foi a beleza das mulheres que despertou o interesse dos anjos, mas o desejo destes em gerar descendentes.

É interessante perceber na narrativa enoquita que o interesse pelas filhas dos homens não era, em primeiro lugar, por causa do prazer de ordem sexual, mas em gerar descendentes. Eles são apresentados como desejosos em constituir uma família selando o matrimônio com filhos. ‘Vinde, selecionemos para nós mesmos esposas da progênie dos homens, e geremos filhos’ (1En 6:2b).⁴¹

Não nos parece que tenha sido assim, porque eles (os anjos) primeiro observaram a beleza das mulheres. A geração de filhos viria como consequência da relação sexual. O relato de Gênesis 6:1, 2 é explícito nesse sentido ao dizer que os anjos viram que “as filhas dos homens eram formosas”. “E aconteceu que, como os homens começaram a multiplicar-se sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas. Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram” (Gn 6:1, 2).

Desse modo, por vontade própria, esses vigilantes decidiram unirem-se sexualmente com as mulheres, e fizeram ao seu líder Semiaza o seguinte juramento: “Nós todos estamos dispostos a fazer um juramento, comprometendo-nos a uma maldição comum, mas não abrir mão do plano, e sim executá-lo” (Cap. 6:2). A partir daí os Anjos teriam se unido sexualmente às mulheres, das quais nasceram filhos gigantes de até 300 côvados (aproximadamente 135m de altura). A essas mulheres eles ensinaram diversas práticas condenáveis, tais como bruxaria, exorcismos, feitiços. Os dois chefes principais, Azazel e Semiaza também ensinaram muitas coisas proibidas.

Capítulo 8.1: Azazel ensinou aos homens a confecção de espadas, facas, escudos e armaduras, abrindo os seus olhos para os metais e para a maneira de trabalhá-los. Vieram depois os braceletes, os adornos diversos, o uso de cosméticos, o embelezamento das pálpebras, toda sorte de pedras preciosas e arte das tintas.

Capítulo 8.2: E assim grassava uma grande impiedade; eles promoviam a prostituição, conduziam aos excessos e eram corruptos em todos os sentidos. Semiaza ensinava os esconjuros e as poções de feitiços; Armaros a dissipação dos esconjuros; Barakijal a astrologia; Kokabel a ciência das constelações; Ezekeel a observação das nuvens; Arakiel os sinais da terra; Samsiel os sinais do sol; e Sariel as fases da lua.

Uma rápida análise nos traz uma certa perplexidade. Os anjos, que supostamente seriam íntegros e bons, até porque eram responsáveis por uma humanidade ainda inocente, só sabiam

⁴¹ ROSSI, Luiz Alexandre Solano; PROENÇA, Eduardo de; GUIMARÃES, Filipe de Oliveira (Org.). *Livro de Enoque, o etíope*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019, p. 324.

coisas ruins e reprovadas por Deus! Não tinham nada de bom para ensinar. No relato que os anjos bons, ou seja, Miguel Uriel, Rafael e Gabriel, fazem ao Senhor, eles dizem:

Capítulo 9.4: “Tu vêes o que foi perpetrado por Azazel, como ele ensinou sobre a terra toda espécie de transgressões, revelando os segredos_eternos do céu, forçando os homens ao seu conhecimento; assim procedeu Semiaza, a quem conferiste o comando sobre os seus subalternos”.

Capítulo 9.5: “Eles procuraram as filhas dos homens sobre a terra, deitaram-se com elas e tornaram-se impuros; familiarizaram-nas com toda sorte de pecados. As mulheres pariram gigantes e, em consequência, toda a terra encheu-se de sangue e de calamidades”.

A primeira conclusão que tiramos destes versos é a seguinte: Se o erro dos Vigilantes foi familiarizar as mulheres com toda sorte de pecado, revelando os segredos dos céus, então há muito pecado no céu. Ao renegarem suas naturezas, unindo-se às mulheres, e depois ensinando revelando aos humanos tantos segredos e diversas práticas condenáveis, corromperam a humanidade, e assim, o pecado e a morte entraram no mundo e passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas.

Da relação dos Vigilantes com as mulheres nasceram gigantes, que não eram capazes de produzir seus próprios alimentos. Ao invés disso, eles consumiram todos os mantimentos dos humanos, e depois que a comida acabou, eles começaram a se alimentar dos animais e dos próprios seres humanos, de modo que as pessoas se viram abandonadas à própria sorte. Isto, de certo modo, nos remete à atitude dos escribas e fariseus, que devoravam as casas das viúvas (Mt 23:14).

Desesperados diante da iminente destruição, os humanos teriam clamado com tanta intensidade que despertaram a atenção de outros anjos que não tinham feito parte do acordo de se unirem às mulheres. Miguel, Uriel, Rafael e Gabriel, como representantes dos anjos que não pecaram, intercederam diante de Deus pelos humanos, explicando como Azazel e Samiaza corromperam toda a humanidade, fazendo com que a terra se enchesse de violência, conforme o relato do capítulo 9, 4 e 5, já mencionados. Diante de tal quadro, Deus toma algumas decisões e incumbe da sua execução cada um dos quatro anjos:

- a) A humanidade seria destruída: Deus enviou o anjo Uriel a Noé, para alertá-lo de que mandaria um dilúvio que iria destruir todo ser vivo sobre a terra;
- b) Azazel lançado na prisão perpétua: A missão coube a Rafael, que deveria amarrar Azazel de mãos e pés, vedando-lhe o rosto, e lançá-lo nas profundas trevas do tártaro;
- c) Samiaza e os demais anjos que tiveram relações sexuais com mulheres também deveriam ser aprisionados; Miguel recebeu ordens para prendê-los até o dia do Juízo Final.
- d) Os gigantes deveriam se autodestruir. Para isso, Gabriel deveria instigá-los a lutarem uns contra os outros até que todos estivessem mortos.

Interessante que coube a Enoque anunciar a Azazel e aos demais vigilantes as sentenças que Deus havia proferido contra eles. Com relação a Azazel, Semiaza e demais Vigilantes, o lugar onde foram lançados é conhecido com Tártaro, mencionado em 1En 20:2.

No judaísmo antigo, o deserto era, entre outras coisas, o espaço geográfico em que se encontrava o Tártaro (lugar de punição usado por Deus para castigar Azazel e os anjos caídos por causa da desobediência e todas as condutas perversas ensinadas por eles). Azazel

foi aprisionado nas profundezas do deserto e lá ficaria até o dia do juízo. O deserto sempre fora percebido como lugar de sofrimento, angústia e dor no imaginário de vários povos.⁴²

O Tártaro, onde foram lançados os vigilantes (1En 20:2), é citado em 2 Pedro 2.4. “Porque, se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo”. Em adição a esse ponto, continua Filipe Guimarães, discorrendo agora sobre outra passagem em I Pedro 3:18-20, que aborda a visita de Jesus aos espíritos em prisão, isto é, aos vigilantes. Segundo ele, Pedro não teria se referido a “pregar o evangelho” como Jesus ordenou em Mc 16:15.

Não se trataria de um tipo de pregação para salvação, consolo ou edificação dos vigilantes, mas, à testificação de uma vitória, o anúncio de uma conquista. A ideia do texto seria a de que até mesmo para as criaturas que estão em uma dimensão de isolamento, o triunfo de Jesus fora anunciado. Ou seja, todas as criaturas, de todas as dimensões, souberam da vitória! As que estão no céu, as que estão na terra e também as que estão “debaixo da terra”.⁴³

Capítulo 10.7: Quando os seus filhos se tiverem eliminado mutuamente, e quando os pais tiverem presenciado o extermínio dos seus amados filhos, amarra-os por sete gerações nos vales da terra, até o dia do seu julgamento, até o dia do Juízo Final! Capítulo 10.8: Nesse dia, eles serão atirados ao abismo de fogo, na reclusão e no tormento, onde ficarão encerrados para todo o sempre. E todo aquele que for sentenciado à condenação eterna seja juntado a eles, e seja com eles mantido em correntes, até o fim de todas as gerações.

Possivelmente era esta última passagem que Jesus tinha em mente ao proferir que os cabritos iriam para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Desse modo, ao comparar a sentença dos cabritos a do diabo e seus anjos, Jesus revestia sua narrativa da mesma autoridade da do Livro de 1 Enoque, onde a condenação do diabo já era certa, já estava consolidada por Deus. Por isso, ao fazer menção ao diabo e seus anjos e à sentença de condenação, ele vincula a autoridade de sua narrativa a do Livro de Enoque. Os cristãos dos primeiros séculos conheciam e aplicavam os ensinamentos extraídos do Livro dos Vigilantes. De igual modo procediam os líderes religiosos em relação aos necessitados, motivo pelo qual mereciam a mesma sentença. Com isso, temos nessa perícopes um discurso escatológico, com objetivo de exortação, cuja autoridade é extraída de um escrito apócrifo.

Conclusão

Ao encerrar este breve artigo, esperamos ter conseguido demonstrar a importância do conhecimento dos textos apócrifos e pseudepígrafos no estudo da teologia cristã. Estamos convencidos de que o estudo do Segundo Testamento não pode ser feito tão somente com base na Bíblia hebraica, desconsiderando-se toda a riqueza literária desenvolvida no período intertestamentário, quando floresceu o gênero apocalítico que viria a se tornar de extrema valia na concepção do imaginário judaico-cristão.

A análise textual do Evangelho de Mateus, feita acima, nos leva à percepção de que essa literatura apocalíptica era não somente conhecida, mas também reconhecida como verdadeira

⁴² GUIMARÃES, 2015, p. 63.

⁴³ GUIMARÃES, 2015, p. 186.

orientação divina, a ponto de ter sido utilizada por Jesus como garantidora de sua narrativa, porquanto para os seus ouvintes o 1 Livro de Enoque não era, como posteriormente se alegou, um escrito espúrio, apócrifo em seu sentido pejorativo. Assim, se Deus não deixará impune a Satanás e seus anjos, como não puniria de igual modo o pecador impenitente? Infelizmente esses livros foram banidos por, entre outras alegações, conter elementos fantasiosos e irreais, o que nos aponta a importância da hermenêutica literária, que nos revela que os elementos fantasiosos e as cenas irreais representam uma realidade oculta vivenciada pela comunidade do escritor, e isso nos leva à conclusão de que a leitura da Bíblia como literatura não retira dela o seu valor, e contribui para sua mais fiel compreensão.

Reconhecemos que há ainda um longo caminho a ser trilhado até que consigamos utilizar as literaturas canônicas e extracanônicas em um mesmo nível de igualdade, com o intuito único de melhor apreendermos os fundamentos e dogmas da teologia cristã. Mas muito já se avançou nessa trilha, graças ao empenho de pesquisadores que vêm se dedicando à tradução e estudo dos novos escritos pseudepígrafos que estão sendo descobertos a cada dia, e também pela abertura teológica à releitura dos textos canônicos à luz dessa literatura, o que para Marcelo da Silva Carneiro⁴⁴ resultaria no emprego da apocricidade como uma chave de (re)leitura. Nossa expectativa é de que este artigo possa contribuir para o aprofundamento do debate sobre a importância de olharmos os escritos que de algum modo permearam o mundo judaico-cristão de uma forma igualitária, sem preconceitos ou privilégios que impeçam uma análise conjunta de livros canônicos, apócrifos e pseudepígrafos.

Referências

BÍBLIA de Estudo Conselheira. NAA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. Tradução de Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Paulus, 2018.

CARNEIRO, Marcelo da Silva. A apocricidade como critério hermenêutico. *Revista Brasileira de Teologia*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 83-98, jul./dez. 2018.

CARNEIRO, Marcelo. *Os evangelhos sinóticos: origens, memória e identidade*. São Paulo: Fonte Editorial; Edições Terceira Via, 2016.

CHARLES, Raymond Henry. *Vida após a morte no judaísmo e no cristianismo*. Tradução de Brian Kibuuka. São Paulo: Ebenézer Musical, 2020.

COLLINS, John J. *A imaginação apocalíptica: Uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 2010.

GABEL, John B; WHELLER, Charles B. *A Bíblia como literatura: uma introdução*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

⁴⁴ CARNEIRO, 2018, p. 83-98.

GUIMARÃES, Filipe de Oliveira. *Enoque: um livro profético para o Cristo*. 2015 201 f. Tese (Doutorado) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

HENZE, Matthias. Os pseudepígrafos do Antigo Testamento hoje: os antigos escritos de Israel na pesquisa moderna. *In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). Apocrifidade: o cristianismo primitivo para além do cânon*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MORALDI, Luigi. *Evangelhos apócrifos*. Tradução de Benôni Lemos e Patrizia Collina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 1999.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). *Apocrifidade: o cristianismo primitivo para além do cânon*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

RYKEN, Leland. *Formas literárias da Bíblia*. Tradução de Sandra Salum Marra. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

RYKEN, Leland. *Para ler a Bíblia como literatura*. Tradução de André Lodos Tangerino. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; PROENÇA, Eduardo de; GUIMARÃES, Filipe de Oliveira (Org.). *Livro de Enoque, o etíope*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

SOTELO, Daniel. A influência dos persas em Israel. *In: LELLIS, Nelson (Org.). Israel no período persa: a (re) construção (teológica) da comunidade judaíta e outros ensaios*. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

SOUSA, Rodrigo Franklin de; LEITE, Francisco Benedito (Org.). *Literatura cristã primitiva: olhares bakhtinianos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

TERRA, Kenner. O dualismo em Qumran: O mito dos vigilantes e o imaginário persa. *In: LELLIS, Nelson (Org.). Israel no período persa: a (re) construção (teológica) da comunidade judaíta e outros ensaios*. São Paulo: Edições Loyola, 2018.